



5306 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
 GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

A CRIANÇA INDÍGENA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: BALANÇO DE UMA DÉCADA DE ESTUDOS
 Rogerio C Silva - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

A CRIANÇA INDÍGENA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO: BALANÇO DE UMA DÉCADA DE ESTUDOS

Resumo

No presente texto, investigamos o lugar da criança indígena nas pesquisas em Educação. Como as pesquisas abordam a educação da criança indígena? Como tratam dos processos de transmissão de conhecimento? Como as pesquisas em Educação abordam temas como a construção da noção de pessoa, a corporalidade ou a dimensão cosmológica do grupo na educação da criança? Como tratam o ponto de vista das crianças indígenas e das suas produções? Analisamos 51 trabalhos (dissertações e teses) de Programas de Pós-Graduação em Educação, produzidos entre 2007 e 2018. Utilizamos como palavras-chave : “criança”, “indígena”, “infância” e “educação”. A quantidade de pesquisas sobre a criança indígena ainda é pequena e dispersa. A maior parte orbita em torno de temas como a Educação indígena e a Educação Escolar. Identificamos um movimento crescente de trabalhos mais conectados aos estudos e discussões da Antropologia da criança. Ainda assim, as pesquisas pouco exploram o lugar das crianças indígenas no plano político, religioso e cosmológico de seu grupo. Selecionamos algumas etnografias para aprofundar a análise.

Palavras-Chave: Criança indígena. Infância. Educação.

Introdução

As pesquisas sobre as crianças indígenas têm obtido muitos avanços nestes últimos 10 anos, a ponto de merecerem algumas produções que buscam comprovar a consolidação e reconhecimento do campo, ao caracterizarem um “estado da arte” destas produções (TASSINARI, 2009; COHN, 2013; ARAUJO, 2014; NASCIMENTO et al., 2018).

Podemos afirmar que num balanço destas produções, o campo da Antropologia não somente vem se destacando como também vem se consolidando nos últimos anos como uma das áreas mais promissoras nos estudos sobre a criança indígena. Tais pesquisas promoveram uma verdadeira mudança no olhar dos pesquisadores para com as crianças indígenas, retirando-as de uma participação secundária e passiva, de uma presença apenas ilustrativa, para uma maior centralidade na vida da aldeia. Melhor, tais estudos deram visibilidade a uma percepção da condição das crianças em seus próprios grupos, muito diferente daquelas encontradas nas sociedades ocidentais. Tassinari (2009), ao tratar das concepções sobre infância indígena, apresentou algumas características que imprimiram às crianças indígenas um lugar marcado pela autonomia, pela livre circulação, pelo seu papel como mediadora de grupos e entidades cósmicas, por uma educação que se dá pelas práticas corporais.

O impacto e as contribuições destas produções no cenário e no diálogo mais amplo com o campo dos Estudos Sociais da Infância é tão relevante que chega mesmo a problematizar o uso de uma noção de infância para as crianças indígenas, marcada por uma “condição especial” como sustentaria a noção de infância ocidental. Alguns argumentos apontam para a ausência desta condição especial da criança indígena em relação aos adultos: “Crianças são, como todos e continuamente, humanizadas, pessoalizadas” (COHN, 2013, p.227). Tal argumento defende a ideia de que as crianças assim como os adultos são parte da sociedade e que têm suas particularidades na forma de conceber e experimentar o mundo; possuem inserções diversificadas e, neste sentido, com pontos de vista diferentes, que devem ser explorados a fim de se chegar a um retrato mais fiel de uma comunidade (PIRES, 2007, p.31). Consequência deste debate, encontramos distinções entre os pesquisadores que se posicionam ora a favor de uma antropologia da criança por questionarem a infância como categoria universal, ora a favor de uma antropologia da infância. Numa impressão inicial embora insistam em definir um e outro subcampo^[1], não temos certeza se esta posição é adotada de forma clara pelos pesquisadores.

Ao acompanharmos estas produções do campo da antropologia lançando novos olhares sobre a criança indígena, nos interessava saber como as produções da área da Educação estavam acompanhando ou se apropriando destas novas discussões.

Diferente do campo da Antropologia, onde os estudos sobre a criança indígena surgem das pesquisas etnográficas mais amplas sobre as populações indígenas, na área da Educação a preocupação com a criança foi impulsionada sobretudo pelas pesquisas que buscavam investigar a implantação de um novo modelo de Escolas Indígenas no país. Desde o final dos anos 90 tal fenômeno tem propiciado novas discussões no campo acadêmico, proporcionando uma verdadeira renovação no pensamento educacional. Uma boa parte destas pesquisas foi dedicada ao estudo das formas tradicionais de Educação dos grupos indígenas. O olhar educacional acabou por concentrar grande parte de sua preocupação sobre a educação da criança indígena.

No ano de 2011, após finalizar uma pesquisa de doutorado sobre a educação e participação da criança indígena na vida familiar e comunitária de seu grupo, descobrimos que apesar dos esforços por buscarmos uma nova compreensão do fenômeno educativo, utilizando para isto dos referenciais da Antropologia da Educação, da criança e dos estudos sobre etnologia indígena, constatamos que não tínhamos trilhado um caminho de interlocução mais produtiva com nossos pares. Isto porque desconhecíamos quem eram os outros pesquisadores da Educação que estudavam as crianças indígenas. Neste sentido, demos início a uma revisão bibliográfica a fim de identificar nossos interlocutores e conhecer suas produções. Demos início em 2012, junto ao Observatório da Educação Indígena a um estudo das pesquisas sobre a

criança indígena na Educação que desde então vem se ampliando. Queremos aqui apresentar alguns ensaios das análises sobre estas produções.

Metodologia

Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o lugar das crianças indígenas nas pesquisas em Educação no Brasil entre 2007 e 2018, junto ao banco de teses e dissertações da CAPES. Procuramos identificar inicialmente pesquisas que tivessem entre suas palavras-chave “criança”, “infância”, “indígena” e “educação”. Consideramos aqui também que algumas pesquisas apresentariam diretamente o etnônimo do grupo substituindo a palavra “indígena”. As pesquisas também poderiam optar pela inclusão do termo criança ou infância. Como primeiro resultado deste levantamento foram encontrados 51 trabalhos.

Após a identificação destas 51 pesquisas, voltamos a pensar sobre como melhor analisar tais trabalhos a partir das questões que construímos. Como as pesquisas abordam a educação da criança indígena? Como tratam dos processos de transmissão de conhecimento? Como as pesquisas em Educação abordam temas como a construção da noção de pessoa, a corporalidade ou a dimensão cosmológica do grupo presentes na Educação da criança? Como tratam do ponto de vista das crianças indígenas e das suas produções?

Como uma das propostas desta pesquisa era estreitar as relações entre o campo da Educação e o da Antropologia, optamos por uma segunda seleção, buscando identificar quais das pesquisas selecionadas haviam optado metodologicamente pela etnografia, tendo as crianças como sujeitos privilegiados dos estudos. Desta forma, após leitura atenta dos resumos, realizamos um segundo recorte, quando selecionamos aquelas pesquisas que haviam lançado mão em seu trabalho da etnografia para uma leitura mais aprofundada de seu conteúdo.

Procederemos inicialmente a uma análise inicial das 51 produções. Num segundo momento, faremos algumas análises preliminares em profundidade destas produções, identificando alguns questionamentos a partir das etnografias escolhidas.

Alguns resultados iniciais

Quarenta e uma pesquisas produzidas encontravam-se no formato de dissertação de mestrado e dez eram teses de doutorado. Quanto à região onde estavam localizadas as etnias pesquisadas, elas se concentraram em sua maior parte nas regiões Centro-Oeste. Mais da metade das pesquisas são provenientes desta região (50,9%). Em seguida temos as regiões Sudeste (19%) e Sul (17%). As regiões Norte e Nordeste (4% e 11%, respectivamente) foram as que menos foram representadas.

Em relação aos centros de produção do conhecimento, podemos realizar algumas primeiras conclusões.

As produções estão distribuídas entre 25 universidades (20 públicas, 2 confessionais e 3 particulares). Como já dito anteriormente, as pesquisas trataram do estudo de 25 diferentes etnias. As universidades públicas concentraram a maior parte das produções (37), seguidas das confessionais (14). A maior parte destas universidades estão localizadas na região Centro-Oeste do país (8) seguidas da região Sul (7) e Sudeste (5). Com algumas exceções, as universidades pesquisaram as populações indígenas de sua região ou estado. Importante chamar a atenção ao volume e constância das produções. A maioria das produções encontra-se dispersa com a média de uma produção por instituição. Poucas universidades apresentaram mais de uma produção (UCDB (13), UFMG (4) e UFGD (4)).

Temas de estudo

O que podemos concluir é que os estudos sobre a criança indígena na Educação fazem parte de um campo maior de estudos sobre a Educação indígena e sobre o diálogo intercultural proveniente da implantação das escolas em territórios indígenas. Um grupo significativo dos trabalhos busca estudar especificamente as formas tradicionais de transmissão dos conhecimentos indígenas (11). Outra parte que compõe a maioria dos estudos (22) busca estudar as relações entre as formas tradicionais de educação da criança e os processos de diálogo intercultural proveniente da presença das escolas em territórios indígenas. Por fim, temos percebido que ao longo destes onze anos uma outra vertente de estudos tem se consolidado, mais preocupada com questões ligadas à criança, sua identidade cultural, suas produções e seu ponto de vista. Esses estudos corresponderam a 18 trabalhos. Eles têm utilizado com frequência as contribuições dos estudos produzidos pela Antropologia da criança, trabalhando com temas como infância indígena, brincadeiras, corporalidade, formas de nomeação da criança, o lugar da criança no plano cosmológico do grupo. Os três caminhos percorridos não se deram de forma estanque pois eles dialogam muito. Como no exemplo que podemos dar, ora as pesquisas destacam a criança cujo pano de fundo é sua educação, ora destacam a educação cujo pano de fundo é estudar as crianças e suas produções.

Podemos aqui identificar alguns dos principais temas de estudos buscando relacioná-los ao lugar da criança:

- Estudos sobre o papel das narrativas orais na educação da criança indígena;

A tradição oral, o valor do exemplo e o valor da ação seriam considerados princípios epistemológicos e pedagógicos (LIMA, 2008) desta educação. Assim, assistimos a pesquisas que se dedicaram a análise do papel atribuído as narrativas orais na Educação Indígena, como no caso do trabalho de BARBOSA (2011) no estudo entre os Xokleng/Laklaño. Sem fazer uma menção direta a algum trabalho, em específico, pois este foi um assunto que atravessou uma boa parte dos estudos, podemos destacar alguns elementos recorrentes da caracterização desta Educação Indígena: a educação comunitária; a não diferenciação entre mundo adulto e infantil; a participação nas tarefas diárias do seu grupo; a educação a partir da ação do estar envolvido em tarefas, aprender fazendo; por fim, a valorização da atividade de observação. Uma parte considerável dos estudos destaca também ao papel que o exemplo oferece como aprendizado e também ao papel das narrativas como transmissão de conhecimentos.

- Estudos sobre participação e aprendizagem da criança indígena;

Estudos investigaram a participação de crianças Xavante (MELCHIOR, 2008) e Xakriabá (SILVA, 2011) em atividades realizadas junto aos adultos como forma de acesso aos conhecimentos, seja no grupo familiar ou na comunidade). Também investigaram os aprendizados decorrentes da participação de crianças indígenas Terena e Arara-Karo junto aos adultos nos movimentos indígenas voltados para a luta pela demarcação de suas terras (ZOIA, 2009; ALVES, 2017).

- Técnicas de construção da pessoa e caracterização da educação comunitária;

Tais estudos trataram especificamente do papel atribuído às técnicas corporais e a outros elementos específicos como a nomeação, as pinturas corporais, danças, alimentação, simpatias, amarrações etc. que são relacionados à constituição da noção de pessoa na educação das crianças indígenas (SOUZA, 2009; SILVA, 2011; QUEIROZ, 2013; MENESES, 2017).

Uma parte considerável desta educação tradicional tratou especificamente da formação da criança (LIMA, 2008; DOPP, 2009; ZOIA, 2009; SOUZA, 2010). Tais estudos se dedicaram a temas como: técnicas do nascimento, modos de criar e alimentar as crianças e diferenças na aprendizagem da menina e do menino; como o grupo realiza a nomeação de suas crianças, como diferenciam características etárias entre as crianças, como tratam da construção de elementos culturais específicos ao grupo (como o exemplo de como as crianças são inseridas nos processos de mobilidade espacial entre os Mbyá-Guarani (SOUZA, 2010)). Procuraram também caracterizar os diferentes espaços e ambientes de educação da criança como o núcleo familiar, a comunidade e o espaço da aldeia e da escola (LIMA, 2008).

Circular pelos espaços e ambientes: uma pedagogia indígena

Uma parte dos estudos chamou a atenção para o forte papel que a imersão nos ambientes naturais que envolvem a aldeia tem sobre a educação e conhecimentos etno-ambientais das crianças (CARVALHO, 2007; MELCHIOR, 2008; SILVA, 2011).

A formação identitária da criança indígena

O que é ser criança numa sociedade indígena? E para as próprias crianças? Como elas responderiam a essas questões? Parte dos estudos analisados procurou responder a estas questões. O foco aqui deixou de ser os processos de transmissão dos conhecimentos e a "cultura" tornou-se o principal tema de estudo. A relação entre a criança e a cultura era a principal fonte de preocupação destes trabalhos. Os trabalhos se diferenciaram no enfoque dado, ora para a cultura local, ora para tratar das relações interculturais (entre indígenas e não indígenas). Em sua maioria o foco recaiu sobre a busca pela definição de uma identidade étnica da criança indígena (ZOIA, 2012; SILVA, 2012; SILVA, 2016; ALVES, 2014, 2017; NASCIMENTO, 2015; SILVA, 2016; AFFONSO, 2017). A produção analisada revelou na prática a necessidade e a urgência de tratarmos a infância das crianças indígenas no plural, revelando assim a enorme diversidade cultural presente em nosso país. Um forte reflexo desta constatação é o uso proposital dos etnônimos pelos estudos junto com o termo criança ou infância (Guató, Guarani Kaiowá, Xokleng, Laklãnõ, Terena, Mbyá-Guarani, Kadweu, Xavante, Sateré-Mauwé, Munduruku) deixando claro que apenas o uso da expressão criança indígena tornava-se muito genérico e não garantia a expressão da especificidade cultural do grupo. Uma parte dos estudos se dedicou ao estudo das concepções de infância indígena utilizando como recurso as memórias de velhos anciãos (PAGLIUCA, 2017; PINHO, 2018).

O ponto de vista das crianças e as produções infantis

O olhar das crianças surge como o movimento de grande renovação do pensamento educacional. A escola sob a perspectiva das crianças foi tema de pelo menos quatro estudos (SOUZA, 2007; FAVARETTO, 2011, GAMA, 2012; BARROS, 2012;). As brincadeiras (CARVALHO, 2007; BARROS, 2012; PINHEIRO, 2015; WEBER, 2015; NUNES, 2017; ARRUDA, 2017) foi a produção infantil mais estudada nas pesquisas. As pesquisas buscavam analisar os processos de socialização das crianças revelados através do brincar. Também buscavam mapear o brincar destas crianças (tipos de brincadeiras, locais, materiais, brinquedos). Destaque para o estudo das práticas de embelezamento de meninas Kaingang (BRUM, 2011).

A participação da criança indígena em vários espaços para além da aldeia

As pesquisas retrataram a vida das crianças indígenas, sua inserção e presença em vários espaços muito além das aldeias, como as moradias nos grandes centros urbanos (MUBARACK SOBRINHO, 2007; ALVES, 2014; NASCIMENTO, 2018) e a presença de crianças indígenas em escolas não indígenas (SILVA, 2013; VIEIRA, 2015). Em sua maioria estas pesquisas denunciaram os processos de exclusão, silenciamento, subalternização e marginalização das crianças que estes encontros interculturais promoviam.

"As crianças vão criando o seu espaço, junto ao mundo dos adultos": revendo o paradigma de Educação indígena das pesquisas em Educação

Após esta apresentação do panorama que buscou caracterizar o lugar da criança indígena nas pesquisas em Educação, gostaríamos neste momento de nos dedicarmos a análise de algumas destas produções.

Quando lemos as pesquisas sobre a Educação Indígena, constatamos que, em sua maioria, existe um completo desconhecimento sobre o lugar da criança nas sociedades indígenas, pois estes estudos reduziram a socialização da criança a um processo previsível e reprodutivo do mundo adulto, tratando a ação social da criança como apenas extensão da ação dos primeiros, deixando a criança sem uma existência própria. Nestas pesquisas, torna-se inconcebível pensar num ponto de vista diferente do adulto, aspectos tão presentes nos novos estudos. A presença da criança nas pesquisas relacionadas à Educação Indígena, além de questionar tais pressupostos lança novos olhares capazes de caracterizar os processos sociais pelos quais vivem as crianças e as suas infâncias. Em outras palavras, considerar o lugar social da criança nas sociedades indígenas nos ajuda a entender os significados dos processos educativos das quais participam.

Uma segunda provocação, diz respeito ao contributo oferecido aos estudos sociais da infância, tendo como base as pesquisas sobre a educação e a infância das crianças indígenas.

As sociedades indígenas, diferentes das sociedades ocidentais, já asseguram o ponto de vista das crianças. O estudo desenvolvido por Melquior (2007) nos dá uma ideia de que já existe um reconhecimento, por parte das populações indígenas, deste lugar da criança como protagonista. Em seu estudo, testemunhamos uma caracterização da infância Xavante, seu modo de vida, suas brincadeiras, suas formas de interagir socialmente e sua educação. Segundo o autor, esta relação intergeracional que proporciona a transmissão de saberes, é marcada pela não formalidade, pelo caráter cotidiano e situacional dos aprendizados (não existe um momento específico para que ocorra, tudo que se passa na aldeia gera conhecimento). Identificamos muitas características importantes desta educação. A primeira é que "as crianças vão criando o seu espaço, junto ao mundo dos adultos". Significa dizer que os anciãos, ao dialogarem com as crianças sobre as situações cotidianas, incentivam as crianças a mostrarem seus pontos de vista. Longe de ser uma educação marcada pela coerção e persuasão, na perspectiva durkheimiana de uma educação, cuja fórmula corresponderia a uma lógica transmissiva de uma geração mais velha a uma geração mais nova com o objetivo único de perpetuar conhecimentos, a

educação Xavante considera e incorpora o conhecimento de suas crianças. Daí a necessidade de investigar as crianças para caracterizar seu ponto de vista.

Outra característica marcante da Educação Xavante é a forma como as crianças ganham acesso aos conhecimentos através do estar presente nas situações cotidianas da aldeia e de poder participar delas. Nesse sentido, três aspectos podem ser assinalados sobre o comportamento das crianças e que revelam a caracterização de uma educação específica: o primeiro aspecto é que uma vez estando presentes nestas atividades, o saber ver e ouvir entre as crianças xavante processa-se constantemente nestas situações. Este é um aspecto marcante dos estudos da antropologia da aprendizagem, apregoados por Barbara Rogoff e Ruth Paradise quando afirmam que a observação atenta das crianças indígenas é um dos aprendizados que marcam estes grupos. Já apontavam assim para a necessidade de estudos nesta perspectiva. O segundo aspecto advém de uma de suas afirmações: “a pedagogia xavante é cheia de símbolos e gestos próprios do cotidiano e da relação com a natureza” (MELCHIOR, 2008, p.39). Trata-se da importância de considerarmos a força dos contextos/ambientes sobre os aprendizados. Os aprendizados ocorrem a partir da realização e da participação das crianças da vida cotidiana de seu grupo, marcado por incursões pela mata, pelo cerrado, caçadas, trabalho na roça, atividades de coletas e viagens. Os gestos e as coisas aprendidas são carregadas de sentidos e significados, pois são adquiridos no contexto da atividade realizada. O estudo das brincadeiras e das interações das crianças Xavante com os demais membros é outro aspecto a ser considerado, pois revela um olhar de respeito por parte dos adultos à criança e suas produções, considerando-a não somente um ser ativo como tendo um papel importante dentro do grupo.

Esta perspectiva das crianças indígenas irem ganhando espaço no mundo dos adultos, é corroborada também por LIMA (2008), no estudo da Pedagogia Terena. Sua pesquisa teve como objetivo identificar os processos próprios de aprendizagem no contexto da Pedagogia Terena, bem como dos fatores que contribuem para a construção dessa pedagogia nos espaços em que a criança circula, como o núcleo familiar, o contexto da comunidade e o espaço escolar. A autora realizou uma pesquisa etnográfica no Posto Indígena Nioaque (PIN), localizado no município de Nioaque/MS. O texto aborda várias temáticas relacionadas à formação da criança: o nascimento, a educação e os cuidados nos primeiros anos de vida, as doenças da infância e o papel das benzedeiras na cura destas doenças, a participação das crianças dos acontecimentos da aldeia e sua circulação por todos os espaços etc. Sobre a Educação da criança, um aspecto da Educação Terena que corrobora com a ideia de que a sua produção é algo que conta, a autora define tal pedagogia como um processo que tanto incentiva as iniciativas das crianças como valoriza os saberes dos mais velhos. Os mais velhos buscam dialogar com as crianças sobre as condutas, regras sociais do grupo e o cultivo da terra, com o objetivo que elas aprendam como abordar e resolver problemas, assim, paulatinamente possam resolver os problemas de forma independente.

Quando a educação da criança indígena é pautada pelo seu lugar na sociedade

O que podemos concluir a partir da leitura destas pesquisas é que, alguns estudos, mais do que outros, ampliam nossa compreensão sobre a educação da criança indígena, por justamente considerarem que sua condição social perante seu grupo pauta não somente prioridades, mas a forma como esta educação deve ocorrer. Estas pesquisas também nos convocam a buscar novos referenciais teóricos para compreensão destes processos.

Em Souza (2010) a pesquisa teve como objetivo “investigar práticas educativas dos Mbyá-Guarani, em especial os processos de nomeação, as noções de mobilidade espacial, de temporalidade e as diferenciações etárias como parte das tecnologias de produção da pessoa”. Entre os Mbyá-Guarani, o ritual de nomeação e de passagem de suas crianças é chamado de Nhemongaraí. Os estudos revelam a importância da nomeação para a constituição da pessoa, de sua personalidade e do papel social desempenhado pelos seus membros. Ele acontece ao final do primeiro ano de vida da criança. Participam do ritual não somente os pais, assim como os parentes e todos da comunidade. Ou seja, participam da atribuição do nome a criança todos aqueles que convivem com ela e perceberam o seu jeito, seus gostos alimentares, a sua maneira de conviver com seus irmãos e suas brincadeiras, sua relação com os animais etc. A nomeação assemelha-se mais a uma revelação do que uma escolha. Os Mbyá-guarani justificam a necessidade da nomeação pois consideram que ao nascer, a criança possui um espírito fraco que necessita ser reforçado pelos pais e pela comunidade através do Nhemongaraí. O ritual de nomeação marca o processo da criança tornar-se humano e parente. Segundo explicam, a pessoa Guarani possui uma característica dual – uma parte divina e uma parte que é produzida na ação humana. “A pessoa Mbyá é resultado de uma parte - o ñe’e - (a palavra-alma) dada pelos deuses e de uma parte produzida pelos homens”. Citando Viveiros de Castro ano, ele destaca que, em vez de individual, a criança é “dividual” e precisa ser feita – precisa ser tornada parente de seus parentes, uma vez que este vínculo não é entendido como essencial, mas efeito das relações sociais.

Em outras palavras, o parentesco Guarani não se expressa exatamente no corpo biológico, não é “naturalmente” dado, mas se forja no acolhimento, na relação estabelecida. A criança que nasce é como um ser um estranho, um hóspede que precisa ser transformado em parte da família e do grupo e “enquanto a criança não se ergue, não se coloca em pé, ela ainda não está completamente formada, plenamente humana” e quando a criança começa a caminhar ela se torna alma ajustada – acostumada ao mundo (ASSIS, 2006, p. 99) “completamente formada, plenamente humana”. Neste processo dual humano e divino, uma das maiores preocupações dos pais é assegurar o desenvolvimento da palavra-alma da criança, o que revela uma preocupação e um cuidado para inseri-la no seio de seu grupo familiar.

O autor descreve o processo de nomeação da criança Mbyá-Guarani explicando seus conceitos centrais. A palavra-alma é a porção divina, como diz o autor, e vai ser revelada ao pai ou à mãe, em sonho, tendo o Karáí como mediador. Após algum tempo do nascimento da criança, é realizado o ritual de nomeação, composto de canto, dança e reza, que tem um ponto culminante, no qual a criança recebe a revelação de seu nome. Os pais da criança procuram o Karáí para “escutar o nome da criança”. Esta nomeação pode ser feita por um Karáí (homem) ou a Kunhã Karáí (mulher). O autor explica também que podem surgir problemas de comunicação entre o Karáí e as divindades (no momento da nomeação), e então surgirão problemas para esta pessoa nomeada. A explicação para o surgimento de algumas doenças em crianças com idade entre oito e dez anos, pode decorrer de um erro no nome, pois esta criança ficaria vinculada a um “quadrante espiritual” que não é o seu, e assim estaria vulnerável a certas influências maléficas. Nestes casos, um novo ritual de nomeação poderá ser realizado para que o líder espiritual possa receber o nome correto, que “erguerá” novamente a pessoa.

O mais importante a destacar na realização de estudos desta natureza na Educação é que as pesquisas sobre a criança nas sociedades indígenas trazem para a discussão outras possibilidades para pensar a infância, pois nos apresentam outras possibilidades de caracterização de condição social da criança, do seu lugar nestas sociedades, ampliando nosso campo de compreensão. Em primeiro lugar, institui uma relação entre a condição social da criança e sua educação. Em outras palavras, se um aspecto que marca o lugar da criança entre os Mbyá-Guarani é sua origem divina, as ações educativas estão relacionadas a necessidade através do ritual Nhemongaraí de fixá-la em seu novo estado- de nascida e humana. Desta forma, é somente quando é chamada pelo seu nome que ela se tornará efetivamente terrena e irá aproveitar tal morada. Nos desafia a pensar outras formas de se constituir o papel das relações de parentesco na educação da criança. Em segundo lugar, tal estudo nos desafia a pensar outras relações entre natureza e cultura na infância, na discussão entre corpo biológico (e de condição divina) e a nova condição da constituição da pessoa da qual a

criança necessita passar para tornar-se ao mesmo tempo humana e parente, ou melhor dizendo, só se torna humana quando se torna parente.

Considerações finais

A partir das etnografias citadas, podemos concluir que mais do que a descrição e análise de processos de transmissão de conhecimentos, as pesquisas também nos revelaram uma condição especial da criança indígena. Em outras palavras, a condição social da criança indígena pauta a forma como vai ser educada. A criança mediadora de mundos cosmológicos precisa tornar-se humana; a criança protagonista e produtora de cultura precisa viver com autonomia e liberdade para demonstrar aprender e demonstrar os conhecimentos adquiridos participando diretamente das atividades da aldeia. Parafraseando Clarice Cohn ao tratar das crianças Kayapó Xikrin nos dizeres dos adultos desta etnia, "as crianças tudo sabem porque tudo veem e ao mesmo tempo nada sabem porque são crianças".

O que fica cada vez mais claro para nós é que nos estudos sobre as crianças indígenas, seja o foco recaindo sobre sua educação (tradicional ou escolar) ou sobre qualquer tema relacionado a sua infância, caracterizar o seu lugar social nos traz uma compreensão mais clara dos processos educativos da qual ela faz parte. Neste sentido, o diálogo da Educação com a Antropologia tem nos revelado muito frutífero, pois uma compreensão duplamente ampla e profunda dos processos educativos vividos pelas crianças indígenas, afasta-nos das descrições superficiais do que até então vínhamos descrevendo.

Dissertações e teses analisadas

AFFONSO, R. S. *"Abióló Boloriê" - Sou criança sou origem* Dissertação (Mestrado em Educação). Cárceres: UNEMAT, 2017.

ALVES, E. R. *A produção da escola Tupinambá na aldeia indígena Serra do Padeiro*. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória da Conquista: UESB, 2017.

ALVES, R. A. *Infância indígena: como as crianças Arara-Karo na região Amazonida dizem de si sobre o 'ser indígena'*. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre:UFRGS, 2014.

ALVES, R. A. *Ya ka na ãra wanã. Movimento indígena e a produção das identidades das crianças Arara-Karo (PAY GAP/RO)*. Tese doutorado (Educação). Campo Grande:UCDB,2017.

AQUINO, E. V. *Educação Escolar Indígena e os Processos próprios de aprendizagens: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na Comunidade Indígena de Amambai, Amambai - MS*. Dissertação (mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2012.

ARRUDA, S. F. *Mbyp Panderéj: infância, educação e brincadeiras nas aldeias indígenas Cinta Larga*. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, 2017.

BARBOSA, A. C. *Alencar. Educação da criança na revitalização da identidade indígena: o contexto Xokleng/Laklãnõ*. Dissertação (mestrado em Educação), FURB,

2011.

BARROS, J. L. da. C. *Brincadeiras e relações interculturais na escola indígena: um estudo de caso na etnia Sateré-Mawé'*. Tese (doutorado em Educação). UNIMEP, 2012.

BETTIOL, C. A. *Educação Escolar e Práticas Comunitárias na Vida Apurinã: o fazer pedagógico na comunidade São João*. Dissertação (mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Manaus: UFAM, 2007.

BITTAR, A. F. *O projeto Córrego Bandeira e as crianças Terena*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2011.

BRUM, L. H. *O Kanê (olhar)na cidade: práticas de embelezamento corporal na infância feminina kaingang*. Dissertação (mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2011.

CARVALHO, J. *Enquanto os adultos brincam: Introdução aos processos próprios de ensino, aprendizagem e desenvolvimento da criança indígena Kaingang*. Tese (doutorado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2016.

CARVALHO, L. D. *Imagens da infância: brincadeira, brinquedo e cultura*. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2007.

CASSULA, M. H. *Políticas públicas e educação da criança guarani no Paraná*. Dissertação (mestrado em Educação). Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2016.

CRUZ, S. F. da. *A criança Terena: o diálogo entre a Educação Indígena e a Educação Escolar Indígena na Aldeia Buriti*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2009.

DOPP, R. R. *Pedagogia Kadiwéu e a formação da Criança olhares de mulheres adultas Kadiwéu*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2009.

FARIAS, E. B. *A criança indígena Terena da aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul: o primeiro contato escolar*. Dissertação (mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2015.

FAVARETTO, B. *Sobre a significação das aulas de artes para as crianças indígenas kaingáng*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Passo Fundo, 2010.

FERREIRA, B. *Kaingang: processos próprios de aprendizagem e educação escolar*. Dissertação (mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2014.

GAMA, R. L. de A. *Desenho: diálogos étnicos e culturais com crianças Guarani*. Dissertação (mestrado em Educação). Vitória: UFES, 2011.

IVES, N. O. *Educação Infantil tentehar: encontro e (des) encontros no limiar de um diálogo intercultural*. Dissertação (Mestrado em Educação). UFP. 2014.

LIMA, A. S. A. *Cosmologia educativa: a educação ambiental na vida dos Kaiabi do Xingu*. Dissertação (mestrado em Educação). UFMT, 2007.

- LIMA, E. G. de. *A pedagogia terena e as crianças do PIN Nioaque*: as relações entre família, comunidade e escola. Dissertação (mestrado em Educação) Campo Grande: UCDB, 2008.
- MACHADO, M. A. *Educação infantil: criança guarani e Kaiowá da reserva indígenas de Dourados*. Dissertação (Mestrado em Educação). Dourados: UFGD, 2016.
- MELCHIOR, M. N. *Watebreimi Xavante*: uma aproximação ao mundo da criança indígena. Dissertação (mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2008.
- MENESES, P. M. *Corpo preparado, alma protegida*: jeitos de cuidar e modos de aprender no crescimento da criança Yúdja. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: USP, 2017.
- MUBARAC SOBRINHO, R. S. *Vozes Infantis*: as culturas das Crianças Sateré-Mawué como elementos de (des) encontros com a cultura da escola. Tese (Doutorado em Educação). Florianópolis: UFSC, 2009.
- NASCIMENTO, D. L. *Índios no Distrito Federal? A educação de crianças indígenas na capital do país*. Dissertação (mestrado em Educação). Distrito Federal: UNB, 2018.
- NASCIMENTO, R. do. *Ser criança na comunidade Munduruku*. Dissertação (Mestrado em Educação). Carceres: UNEMAT, 2015.
- NUNES, M. F. R. "Aprende brincando": a criança atuando entre o povo Assurini do Trocará, município de Tucuruí- PA. Dissertação (Mestrado em Educação). UFP, 2017.
- OLIVEIRA, R. G. *Percepção dos Adultos Terena sobre a socialização das crianças de 0 a 6 anos da Aldeia Tereré de Sidrolândia- MS*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2007.
- PAGLIUCA, E. *Educação e histórias sobre as concepções de infância de velhos(as) Chiquitanos(as)*: modos de aprender, de ser e de viver. Dissertação (Mestrado em Educação). UEMS, 2017.
- PEREIRA, C. E. *Ações e significados na educação das crianças nas comunidades indígenas Xacriabá*: a emergência da educação infantil. Dissertação (mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- PINHEIRO, I. de M. *O Brincar da criança indígena Sateré-Mauwé*: entre a socialização e a formação cultural. Dissertação (mestrado em Educação). Manaus: UFAM, 2015.
- PINHO, A. M. *Concepções de criança e infância de professoras e professores indígenas*: os desafios da educação intercultural. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMT, 2018.
- POLESE, N. C. *Crianças indígenas da Aldeia Canuanã (Formoso do Araguaia-TO)*: Relação entre cultura, infância e educação. Dissertação (mestrado em Educação). Belo Horizonte: Universidade Estadual de Minas Gerais, 2014.
- QUEIROS, L. A. *Educação da criança Chiquitano*: o curussé como expressão das práticas corporais educativas. Dissertação (mestrado em Educação). Carceres: UNEMAT, 2013.
- RODRIGUES, E. M. *A criança Guarani Ñandeva na Tekoha Porto Lindo/Japorá-MS*. Dissertação Mestrado (Educação). Campo Grande: UCDB, 2018.
- SALMAZO, L. G. *Crianças indígenas na Educação Infantil*: percepções e olhares outros de uma educadora. Dissertação (mestrado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2018.
- SILVA, A. C. S. da. *Kalivôno Hikó Terenôe*: Sendo criança indígena Terena do/no século XXI - vivendo e aprendendo nas tramas das tradições, traduções e negociações. Tese (Doutorado Educação). Campo Grande: UCDB, 2016.
- SILVA, L. A.; NUNES, A.; MACEDO, A. V. L. da S. (Orgs.). *Crianças Indígenas*. Ensaios Antropológicos. São Paulo: Ed. Global, 2002.
- SILVA, M. A. *A identidade étnica da criança Guató da Aldeia Uberaba, Região do Pantanal (Corumbá-Mato Grosso do Sul)*. Tese (doutorado em Educação). UFMT, 2012.
- SILVA, M. G. *Identificação e avaliação funcional de crianças indígenas Kaiowá e Guarani com deficiência visual e paralisia cerebral de 0 a 5 anos*. Dissertação (Mestrado em Educação). Dourados: UFGD, 2016.
- SILVA, R. C. da. *Circulando com os meninos*: participação e aprendizagem de crianças indígenas Xakriabá nas tarefas da comunidade. Tese (doutorado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- SOUSA, F. A. de. *As crianças e suas relações com a "Escola Diferenciada dos Pitaguary"*. Dissertação (Mestrado em Educação). Fortaleza: UFC, 2007.
- SOUZA, A. S. de. *As narrativas como Estratégia(s) de Construção Identitária dos Índios Guarani da Aldeia Tekoá Marangatu, em Imaruí (SC)*. Dissertação (mestrado em Educação). UNESC, 2010.
- SOUZA, L. A. C. de. *Crianças Mbyá-Guarani*: práticas pedagógicas e tecnologias de produção da pessoa. Dissertação (mestrado em Educação). Univ. Luterana do Brasil, 2009.
- TESTA, A. Q. *Palavra, sentido e memória*: educação e escola nas lembranças guarani Mbya. Dissertação (mestrado em Educação). São Paulo: USP, 2007.
- VIEIRA, C. M N. *A criança indígena no espaço escolar de Campo Grande/MS*: identidades e diferenças. Tese (doutorado em Educação). Campo Grande: UCDB, 2015.
- WEBER, S. *Crianças Indígenas da Amazônia brinquedos, brincadeiras e seus significados na comunidade Assurini do Trocará*. Dissertação (Mestrado em Educação). UEPA, 2015.
- ZOIA, A. *A comunidade indígena Terena do Norte do Mato Grosso*: infância, identidade e educação. Tese (doutorado em Educação). UFG, 2009.

Referência Bibliográfica

ARAUJO, S. A. de. *A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil*: uma análise das produções científicas (2001-2012). Dissertação (mestrado em Educação), Belém: Instituto de Ciências da Educação, UFPA, 2014.

COHN, C. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. Concepções de infância e infâncias um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*, Porto Alegre, v. 13, no. 2, 2013, pp. 221-244.

LECZNIESKI, L. K. Seres hipersociais: a centralidade das crianças na mitologia nos rituais e na vida social dos povos sul-ameríndios. In: TASSINARI, A. M. I.; GRANDO, B. S.; ALBUQUERQUE, M. A. dos S. (Orgs.). *Educação Indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012. p. 25-51.

NASCIMENTO, A. C. et al. (Org.). *Criança indígena: diversidade cultural, educação e representações sociais*. Brasília: Líber Livro. 2011.

NASCIMENTO, A. C. VIEIRA, C. M. N.; MEDEIROS, H. Q. de (orgs.). *Educação indígena na escola e em outros espaços: experiências interculturais*. Campinas: SP, Mercado das Letras. 2018.

PIRES, F. F. *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e Infância no semiárido nordestino*. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2007.

TASSINARI, A. M. I.; GRANDO, B. S.; ALBUQUERQUE, M. A. dos S. (Orgs.). *Educação Indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização*. Florianópolis: editora UFSC, 2012.

TASSINARI, A. Concepções Indígenas de Infância no Brasil, *Revista Tellus*, ano 7, n.13, Campo Grande: UCDB, p.11-25, outubro, 2007.

_____. Múltiplas infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à Escola ou a Sociedade contra a Escola. *Encontro anual da ANPOCS*. 33, Caxambu, ANPOCSGT16, outubro de 2009.

[1] “De maneira geral, a antropologia da infância visa a estudá-la como uma instituição social, como uma representação cultural, como um discurso ou como uma prática. Por sua vez, a antropologia da criança atém-se a estudar o crescimento, o aprendizado, o trabalho e as brincadeiras das crianças” (WOODHEAD; MONTGOMERY, 2003, apud PIRES, 2007, p.145).